



## MAFALDA: UM SUJEITO INTERPELADO PELA IDEOLOGIA

Magda Wacemberg Pereira Lima Carvalho<sup>1</sup>

Nadia Gonçalves de Azevedo<sup>2</sup>

### INTRODUÇÃO

Este estudo propõe-se a apresentar reflexões sobre o processo de Formação Discursiva e Formação Ideológica, a partir da Análise de Discurso de linha francesa, no trabalho do cartunista argentino Joaquim Salvador Lavado (Quino), com ênfase nas tiras que tratam das atribuições da mulher numa conjuntura ideológica de inquietação provocada pelos movimentos feministas. O *corpus* desta análise é constituído por tiras de Mafalda personagem criada num contexto social em que a ditadura militar regia vários países latino-americanos. Para esta análise, os conceitos de formação social, discursiva e ideológica são imprescindíveis por possibilitarem o entendimento da interpelação do sujeito pela ideologia.

### 1 Formação Discursiva e Formação Ideológica

De acordo com Orlandi (2012), o discurso não deve ser confundido com a “fala” tratada na dicotomia saussuriana, *língua/fala*, em que a língua corresponde a um sistema estrutural apreendida objetivamente. O discurso, segundo a autora, corresponde ao efeito de sentidos entre locutores, cuja regularidade decorre das relações de sujeitos, de sentidos e de efeitos múltiplos e variados, materializado pela língua.

Já o filósofo francês Michel Foucault define discurso como um conjunto de enunciados que provém do mesmo sistema de formação, onde “a unidade de análise é o enunciado em sua natureza de *acontecimento discursivo*” (1986 *apud* GREGOLIN, 2008, p. 25) produzido em uma situação histórica própria.

Em A Arqueologia do Saber ([1969] 2008), Foucault faz uma ampla abordagem sobre o discurso, na perspectiva de descrever suas condições de existência. Nessa obra, o filósofo traz a lume o conceito de formação discursiva, entendida como um conjunto de regras dadas num tempo e num espaço que definem as condições de exercício da função enunciativa, onde o enunciado tem lugar e prestígio que o situa na História, o constitui e o determina.

A intersecção entre as reflexões de Foucault e Pêcheux, sobre discurso, permite que este último assuma a noção de formação discursiva proposta pelo primeiro, mas trabalhando com base na sua formulação a partir de questões associadas à ideologia e à luta de classes. Desse modo, constitui-se na Análise do Discurso a tríade: *formação social*, *formação ideológica* e *formação discursiva*.

---

<sup>1</sup> Mestranda do Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco. Graduada em Letras pela Faculdade de Formação de Professores Serra Talhada. E-mail: [magdapcarvalho@hotmail.com](mailto:magdapcarvalho@hotmail.com)

<sup>2</sup> Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Paraíba. E-mail: [nadiaazevedo@gmail.com](mailto:nadiaazevedo@gmail.com)



A formação social, de acordo com Pêcheux e Fuchs ([1975] 1997), especifica-se por uma determinada correlação entre as classes sociais e a existência de posições ideológicas e políticas que se organizam em formações, que mantêm entre si relações de entendimento ou autoridade, conseqüentemente, cada formação ideológica constitui um conjunto complexo de atitudes e de representações que comportam uma ou várias formações discursivas a partir de uma posição dada numa conjuntura específica.

Nessa perspectiva, entende-se que as formações discursivas estão imbricadas às formações ideológicas de modo que é no/pelo discurso que a ideologia se materializa e produz efeito. No que diz respeito ao sentido ou efeito de sentido suscitado por determinada palavra ou termo, este resultará da formação discursiva e das condições de produção em que o discurso se inscreve.

## **2 Analisando os Quadrinhos**

Tomando o tratamento conceitual da AD de linha francesa acerca da constituição do sujeito que enuncia a partir de um lugar sócio-histórico, nos dedicaremos, nesta seção, à análise de algumas tiras da personagem Mafalda do cartunista Quino.

O material selecionado para análise foi coletado no livro *Toda Mafalda*, o qual reúne todas as tiras já publicadas de Mafalda e sua turma. Para este estudo, selecionamos três tiras, onde além da protagonista aparece sua mãe, Raquel.

Nas tiras, uma das temáticas recorrente diz respeito ao papel da mulher na sociedade, uma vez que, secular e tradicionalmente, a mulher esteve submissa ora ao pai, ora ao marido. Desprovidas de qualquer direito ou autonomia a mulher deveria encontrar no casamento sua “independência” afinal, havia sido educada para servir ao marido, administrar a casa e cuidar da prole.

Essa cultura patriarcal começou a perder forças a partir do início do século XX, com movimentos liderados por mulheres, na Europa, os quais buscavam a igualdade de direitos políticos e sociais de ambos os sexos. Esses movimentos foram intensificados a partir do início da década de 1960, o qual, como enfatiza ROMERO (2006), foi marcado pela inquietação de feministas que advogavam uma participação mais ampla da mulher no mercado de trabalho, além do igualitarismo entre os sexos em todas as esferas da vida.

Nessas condições, a personagem Mafalda assume a posição de um sujeito que enuncia a partir de uma formação discursiva feminista. Para isso, a garota coloca sua mãe como objeto principal de seus julgamentos, uma vez que Raquel abnega-se de sua condição de jovem estudante para assumir o papel de esposa, mãe e dona de casa dedicada, repetindo o estereótipo feminino sedimentado pela sociedade patriarcal.

TIRA 1



QUINO, Toda Mafalda: da primeira a última tira. São Paulo: Martins Fontes, 1993, p. 01.

Nesta tira, Mafalda observa o cuidado que a mãe tem com o uniforme da garota, que terá sua “estrela” no jardim da infância. Nessa fase, é natural os pais ficarem apreensivos com o fato dos filhos terem de ir à escola, uma vez que os pequenos serão inseridos em uma realidade social totalmente diferente da que estão acostumados, fato que causa, no período de adaptação, angústia aos pais.

Compreendendo todo esse processo, Mafalda, ao observar sua mãe, solitária junto a uma caixinha de costura, conclui que Raquel está receosa com o primeiro dia da filha na escola. Através da frase “coitada da mamãe”, enunciada por Mafalda, é possível compreender a comoção da pequena, que num monólogo dialógico busca argumentos que “confortem” sua mãe, e então ao aproximar-se da mãe, Mafalda declara que deseja estudar para não ser comparada à Raquel que, no entendimento da filha, é uma mulher frustrada e medíocre.

As palavras da menina são como um punhal para a mãe, que na maioria das vezes silencia ante as críticas, ironias e julgamentos de Mafalda. Para a AD de linha francesa o silêncio é, conforme Orlandi (2007b) uma ação imprescindível para que o sentido faça sentido.

Destarte, nas tiras de Quino o constante silenciamento de Raquel produz o efeito de evidência de uma mulher oprimida pela condição de mãe censurada pela filha de 6 anos.

TIRA 2



QUINO, Toda Mafalda: da primeira a última tira. São Paulo: Martins Fontes, 1993, p. 381.

Nesta sequência, observa-se, pelo uso de elementos supratextuais como a variação da fonte empregada, que Mafalda, ao chegar a casa, tem algum questionamento a ser feito. O vocativo “MÃE”,

escrito em negrito e num tamanho considerável, cria o efeito de que a criança “grita” a procura da mãe, no entanto ao passar pelos cômodos da casa, a voz da criança vai sendo diminuída, pois ao mesmo tempo em que questiona sua mãe sobre o movimento pela liberação da mulher, ela percebe que Raquel está sobrecarregada de tarefas domésticas. Isso faz com que Mafalda desista de continuar com sua indagação, tendo em vista que em todos os lugares da casa é possível testemunhar um cenário que denega a proposta postulada pelo movimento de que a mulher deveria conquistar seu espaço na sociedade.

O último quadro, a expressão inerte de Mafalda ao se defrontar com a mãe de joelhos empenhada incessantemente na organização e limpeza da casa, remete-nos à afirmação de Fernandes (2008b) de que as condições de produção de um discurso concebem os sujeitos e a situação social conforme as suas formações ideológicas. De um lado, tem-se Mafalda inscrita numa formação que luta pela conquista social feminina, de outro se tem Raquel numa formação de mulher submissa e oprimida socialmente.

### TIRA 3



QUINO, Toda Mafalda: da primeira a última tira. São Paulo: Martins Fontes, 1993, p. 46.

Esta tirinha simboliza a constituição da forma-sujeito da protagonista que se identifica numa formação discursiva feminista. Numa representação do novo estereótipo de mulher que busca seu espaço numa sociedade essencialmente machista e patriarcal, Mafalda exprime seus planos para quando crescer: trabalhar na ONU, desempenhando a função de intérprete. Nesses quadros é possível retomar o que a garota enuncia na primeira imagem desta análise, com relação à sua carreira acadêmica, pois para trabalhar na Organização das Nações Unidas ela precisará concluir seus estudos e aprender outros idiomas, o que a colocará numa posição de prestígio, fato que, possivelmente, não fará dela uma “mulher medíocre e frustrada”.

Ao analisarmos o pensamento da garota no 2º quadrinho pode-se perceber que os sentidos, conforme destaca Indursky (2011, p. 71), “pelo trabalho que se instaura sobre a Forma-Sujeito, podem atravessar as fronteiras da FD onde se encontram, e deslizarem para outra FD”, uma vez que de uma FD feminista, o discurso da garota desliza para uma FD polêmica, pois ao imaginar-se



intérprete, Mafalda revela que poderia contribuir para o bom entendimento entre os representantes das nações e, conseqüentemente, cooperar para a “melhora do mundo”, o qual se encontra “doente”, conforme abordagem recorrente nas tiras de Quino, quando este coloca sua protagonista preocupada com o globo terrestre.

Ao retratar, metaforicamente, o cuidado que a menina tem com o globo, compreende-se que o cartunista coloca sua personagem contestadora como um sujeito extremamente preocupado com os problemas sociais e políticos que afligem as sociedades mundiais no contexto histórico pós-guerra.

### **Considerações Finais**

Na história dos Quadrinhos, Mafalda pode ser considerada o inverso dos heróis super-poderosos norte-americanos criados para “combater o mal” e “salvar o mundo de ameaças” surreais. A “anti-heroína” criada para replicar questões políticas, econômicas, culturais e sociais permite a atemporalidade dos temas abordados, mantendo, ao mesmo tempo, o efeito humorístico e reflexivo.

Dentre a temática tratada na obra de Lavado, este estudo se propôs a analisar a constituição da forma-sujeito Mafalda a partir de sua posição como sujeito que se insere numa formação discursiva feminista. No corpus selecionado para análise foi possível compreender, sob a ótica da Análise de Discurso de linha francesa que é pela língua, pela inscrição do indivíduo no simbólico que se dá a confluência entre o sujeito e a história, uma vez que através desse “novo objeto” de estudo, História em Quadrinhos, é possível analisar como um texto produz sentido a partir do contexto social, histórico e ideológico em que foi produzido.

Na relação entre Mafalda e sua mãe tem-se a representação de papéis sociais opostos, pois a mãe está numa posição-sujeito mulher tradicional, a qual deve se dedicar à família e aos afazeres domésticos. Já Mafalda contra-identifica-se a essa formação e assume uma posição-sujeito mulher “moderna”, determinada a buscar a “liberdade” não no casamento, mas na conquista de um diploma universitário, fenômeno que a fará sair do comodismo e da mediocridade e, conseqüentemente, ocupar seu espaço na sociedade.

Ao eleger, neste trabalho, a análise das tiras de Quino, a partir de uma formação discursiva que apresenta, pela voz de Mafalda, uma geração feminina inquieta e inconformada com os paradigmas tradicionais, foi possível entender que os sujeitos se constituem interpelados pela ideologia da formação discursiva que se inserem, assim como foi possível compreender o discurso do sujeito imbricado às condições de produção e à memória histórica.

Isto posto, é relevante salientar que para o analista de discurso os textos não possuem sentidos já fixados, pois outras discussões sobre o sentido podem ser suscitadas conforme o escopo intentado pelo analista.



## REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado*. Santa Catarina: Editorial Presença, 1980.
- FERNANDES, Cleudemar Alves. *De Sujeito a Subjetividade na Análise do discurso*. In: SARGENTINI, V.; GREGOLIN, M.R. (Orgs.) *Análise do discurso: heranças, métodos e objetos*. São Carlos: Claraluz, 2008a. p. 69-82.
- \_\_\_\_\_. *Análise do discurso: reflexões introdutórias*. 2ed. São Carlos: Editora Claraluz, 2008b. p. 12-21.
- FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- GREGOLIN, Maria do Rosário. *J.-J. Courtine e as metamorfoses da Análise do Discurso: novos objetos, novos olhares*. In: SARGENTINI, V.; GREGOLIN, M.R. (Orgs.) *Análise do discurso: heranças, métodos e objetos*. São Carlos: Claraluz, 2008. p. 21-36.
- GRIGOLETTO, Marisa. *Entremeios da Análise do Discurso: os desafios de novos objetos*. In: SARGENTINI, V.; GREGOLIN, M.R. (Orgs.) *Análise do discurso: heranças, métodos e objetos*. São Carlos: Claraluz, 2008. p. 49-58.
- INDURSKY, Freda. *A memória na cena do discurso*. In: INDURSKY, F.; MITTMANN, S.; FERREIRA, M. C. L., (Orgs.) *Memória e história na/da análise do discurso*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2011. p. 67-89
- LACAN, Jacques. *O Seminário*, livro 11. *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- MALDIDIER, Denise. *Elementos para uma história da análise do discurso na França*. In: ORLANDI, E.P. (Org.) [et al] *Gestos de Leitura: da história no discurso*. 3.ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010 p. 9-22.
- MUSSALIM, Fernanda. *Análise do Discurso*. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A.C. (Orgs) *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. v.2. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2012 p. 113-165.
- O papel da mulher na sociedade. Disponível em:  
<http://www.brasilecola.com/sociologia/o-papel-mulher-na-sociedade.htm> Acesso em 30/05/2013
- ORLANDI, E. P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 10.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.
- \_\_\_\_\_. *Interpretação, autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 5.ed. Campina, SP: Pontes Editores, 2007a.
- \_\_\_\_\_. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 6.ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007b.
- \_\_\_\_\_. *À flor da pele: indivíduo e sociedade*. In: MARIANI, Bethania (Org.) *A escrita e os escritos: reflexões em análise do discurso e em psicanálise*. São Carlos: Claraluz, 2006 p. 21-30.
- PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 3.ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.
- \_\_\_\_\_. *A análise de discurso: três épocas (1983)*. In: GADET, F; HAK, T. (Orgs.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3.ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.
- PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. *A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas*. (1975). In: GADET, F; HAK, T. (Orgs.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3.ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.
- QUINO. *Toda Mafalda: da primeira a última tira*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- ROMERO, Luis Alberto. *História Contemporânea da Argentina*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.